

"Quando tudo é do diabo, nada é do povo: a ilusão que paralisa a verdadeira fé"

Por Dom Bertol

Bispo de Goiânia da Igreja Católica Apostólica Brasileira



Há um fenômeno que se alastra como sombra nas igrejas ditas “cristãs”: a demonização de tudo. Tudo é do diabo. Tudo é maldito. O carnaval é do diabo. A política é do diabo. A cultura é do diabo. A arte, a ciência, os movimentos sociais, o debate público... tudo, segundo esse olhar obscurantista, é instrumento das trevas. Mas é preciso perguntar: a quem interessa uma fé que vê o mal em tudo, menos na omissão diante do sofrimento humano?

Essa espiritualidade do medo, inflada pelo movimento **neopentecostal** e seus braços midiáticos, cria uma cortina de fumaça que esconde a verdadeira missão da Igreja: **ser fermento na massa, luz na cidade, sal na terra** (cf. Mt 5,13-16). Enquanto se exorciza o mundo, abandona-se a realidade. Enquanto se grita contra supostas “maldições”, legitima-se a pobreza, a violência, o racismo, o patriarcalismo e a injustiça — como se fossem fatalidades e não estruturas que devem ser combatidas.

A fé que tudo demoniza, no fundo, paralisa. Ela gera um povo assustado, que ora mas não age; que jejua mas não se organiza; que se emociona, mas não

transforma. O Espírito Santo, nessa lógica distorcida, deixou de ser sopro de libertação para se tornar fantoche de culto emocional e alienação coletiva. Mas a Bíblia não endossa essa visão.

São Paulo fala de **metanóia** (μετάνοια), isto é, de **transformação profunda da mente e da vida**.

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que possais discernir qual é a vontade de Deus” (Rm 12,2).

Essa transformação não é fuga do mundo, mas **imersão crítica e santificante na realidade concreta**. Paulo não funda bolhas de “puros”; ele entra nas cidades, fala nas praças, trabalha com as mãos, funda comunidades. Ele sabe que o Reino de Deus não é um céu à parte, mas uma semente no chão da história.

Jesus, por sua vez, não realizou o milagre da multiplicação dos pães como truque mágico. Muitos teólogos veem naquele gesto o **milagre da partilha**: tocados por sua palavra, **os presentes tiraram o alimento escondido sob as vestes e colocaram-no a serviço da comunidade**. O que antes era “meu” tornou-se “nosso”. E todos comeram, e ainda sobrou.

É isso o que o Espírito Santo realiza: **a conversão do egoísmo em comunhão**. Não é grito, nem dança, nem êxtase vazio — é o gesto concreto de partilhar o pão, a vida, a luta.

Dom Carlos Duarte Costa, em seu corajoso **Manifesto à Nação**, nos alertou sobre a missão social da Igreja. Ele não demonizou o mundo — **denunciou o pecado das estruturas sociais injustas**. Ele não apontou para demônios invisíveis — **apontou para os donos do capital, os senhores da guerra, os exploradores do povo**. A ICAB nasceu não para fugir do mundo, mas para encarná-lo com profecia.

“A Igreja deve estar com o povo, deve ser do povo, deve falar a linguagem do povo” — dizia nosso patriarca. E isso implica sujar os pés nas estradas, misturar-se às dores, lutar pela justiça.

A demonização de tudo é um truque antigo para manter o povo cativo. Mas Jesus não fundou uma religião do medo. Fundou um caminho de liberdade. E liberdade supõe coragem de pensar, de amar e de agir.

Portanto, **não basta orar. É preciso transformar.**

Não basta cantar. É preciso organizar.

Não basta dizer “Jesus é Senhor”. É preciso **fazer do Reino um pão repartido, uma mesa sem exclusão, uma cruz que floresce em ressurreição.**

Não tenhamos medo do mundo — tenhamos medo da omissão.

#ICAB #EspiritualidadeProfética #ContraODemônioDaOmissão

#DomCarlosVive #MetanoiaÉMissão #PartilhaÉMilagre